

**Concurso WIE**  
**Autor Marcio Webler Emmanuel**  
**IEEE nº 85010433**  
**Ramo estudantil IEEE UCP**

## **A história da participação das mulheres do meu pais na Ciência e na Engenharia.**

É fato que as mulheres, não só no Brasil como no mundo todo, sempre ocuparam posições em áreas relacionadas às matérias e questões mais subjetivas, como Letras, artes e ciências humanas. Já os homens, em sua grande maioria, apresentam maior predisposição ao estudo das ciências exatas como a engenharia. Embora este quadro possa ser comprovado empiricamente, a mulher brasileira fez e vem fazendo história no campo das Ciências Exatas, Tecnologia e Engenharias a fim de que essa situação possa ser revertida, ou ao menos, que elas consigam deixar seu legado, também nessas áreas do conhecimento.

As ciências exatas sempre foram ocupadas por homens, principalmente na engenharia. Tal fato se deve justamente à herança que a sociedade brasileira e boa parte das sociedades ocidentais, recebeu como norma estabelecida para a formação intelectual e profissional dos indivíduos. Características que são reflexos de uma postura de submissão da mulher, ou uma posição secundária quando se trata de questões relacionadas ao mercado de trabalho. Esta submissão tem correlação direta com a história do Brasil.

Muito antes dos movimentos feministas da década de 70, mais especificamente na primeira metade do século vinte, as mulheres sempre estiveram relegadas a uma posição inferior ao homem. Seja por características inerentes à sua natureza como a maternidade, seja por seu instinto feminino, o fato é que elas nunca podiam desenvolver funções que desvirtuassem de sua fisiologia. Seu papel era meramente o de esposa, geradora e mãe, a guardiã da família e do lar. Cabia ao homem o sustento da família, o trabalho e a proteção.

No caso brasileiro isso não foge a regra, a ciência ainda é dirigida por homens, mas o empenho de algumas instituições como a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e muitas pessoas dedicadas a reverter essa realidade, e já estão colhendo seus frutos e apresentando resultados concretos.

Mulheres como Marie Anne Van Sluys, professora do instituto de Biociência e coordenadora do grupo de pesquisas em biologia molecular de plantas no Departamento de Botânica da Universidade de São Paulo (USP), estão engajada nesse movimento. Para ela existe uma forte correlação entre o processo de desenvolvimento da ciência e a crescente presença de mulheres cientistas. Segundo Marie, que divide seu tempo entre os três filhos e a vida acadêmica, pouco importa se uma determinada função é exercida por homens ou por mulheres, o que é mais relevante é a formação do indivíduo e os resultados de seu trabalho. Ela e um seleto grupo de mulheres ganharam inclusive o prêmio “Mulher do Ano”, concedido pela revista Claudia, da Editora Abril, em 2000.

Mas para ela, embora a mulher venha cada vez mais participando do mercado de trabalho e mais especificamente na área de pesquisa científica, ainda faltam muitos passos a serem dados, principalmente nas engenharias.

Um fato interessante, que se insere nesta discussão, é que existem realmente diferenças entre as diversas áreas do conhecimento. Isto pode ser facilmente observado nas matrículas dos cursos universitários, a concentração de mulheres é muito maior nas ciências biomédicas, e da saúde, por exemplo, do que na matemática, física ou nas diferentes áreas da engenharia. Os dados referentes a isso são expressivos. O mesmo vale para os níveis de pós-graduação, sejam eles mestrado doutorado e pós-doutorado.

Este perfil que vem sendo cultivado por nossa sociedade, a de que mulher não dá para matemática, acabando por deixar de formar futuras cientistas que trariam grandes resultados para o mundo. Este tipo de preconceito acaba por trazer um efeito multiplicador perverso aos resultados da ciência. Resultados estes que poderiam curar muitas doenças como a AIDS e o câncer.

Mas um outro exemplo de que a mulher vem fazendo história é Adriana Lorenzi de 26 anos. Esta paulista originária de Piracicaba, era conhecida na Escola Superior de Agricultura Luiz Queiroz (Esalq-USP), como membro da “turma da Luluzinha”, já que o curso tinha muitas mulheres. Para ela vencer o prêmio do Jovem Cientista, na categoria graduados, é mais uma comprovação da participação crescente da mulher na área científica. Esse prêmio, veio com uma pesquisa com 13 espécies de cianobactérias, das quais duas produziam toxinas que podiam causar problemas renais, caso estas estejam presentes em reservatórios de água para o consumo humano.

Apesar de haver um crescente número de mulheres na área acadêmica um estudo mostra que, embora tenha aumentado sua participação em no sistema brasileiro de C&T, as mulheres têm chances menores de sucesso e ascensão na carreira: são menos contempladas com bolsas de produtividade do CNPq, estão sub-representadas nos cargos administrativos da UFRJ, dentro de outras instituições públicas de ensino superior e entre os acadêmicos da Academia Brasileira de Ciências.

Concluindo, percebe-se que com a entrada feminina no mercado de trabalho, bem como no âmbito acadêmico sua participação vem sendo revista na medida em que o preconceito vai sendo posto de lado. A imagem da mulher como dona de casa vai “dando” lugar à empresária, à cientista, assim como outras profissões em que a mulher vai se inserindo ao longo de nossa história. Isso tudo tem que ser levado à sério já que o preconceito significa um retrocesso na pesquisa e no desenvolvimento do Brasil.